

Juros, uma distorção insustentável

Augusto Carvalho *

A União já está jogando fora mais de R\$ 30 bilhões sómente com o pagamento dos juros da dívida interna. E o curioso é que o montante dessa dívida pode até mesmo ser reduzido, sem que se reduzam os juros. Basta - é um exemplo - que um tigre asiático ronque de desespero para que o Governo se sinta obrigado a dobrar as taxas e assim aumentar os juros a pagar.

Em seus laboratórios de faláncias, já está sendo difícil à equipe econômica do Sr. Fernando Henrique justificar o que ocorre. Até se poderia admitir, e apenas tacitamente, que essas taxas estivessem superelevadas, para garantir boa captação de moedas fortes. Daí para a frente seria buscar fórmulas de ir liquidando, e com certa pressa, a dependência (principalmente quando ela é absoluta) dessa cesta de moedas fortes, fazendo com que a economia brasileira encontrasse sua auto-sustentação, o que, de resto, é objetivo de qualquer nação soberana.

Impossível negar que, não encontrada - e não encontrada, sobretudo, porque não buscada - essa fórmula, a dependência de então foi mantida, ou, pior, ampliada, a ponto de o mero jogo bursátil (queremos repetir: jogo bursátil), especulativo, daninho aos interesses sociais de qualquer país, principalmente porque se trata de um dinheiro sem bandeira e sem princípios, enfim, bastou uma jogada mal realizada por este ou aquele especulador no Sudoeste asiático, para que nossa área econômica exibisse uma febricitação já agora injustificável.

A crise, em princípio, teria sido deflagrada a partir de Hong Kong. Economistas de plantão saíram a demonstrar sua surpresa com o fato de uma crise surgir exatamente numa província das mais ricas não apenas da China, mas do mundo. Uma surpresa, convenhamos, que fala contra a capacidade intelectual dessa gente, se for sincera. Quem, em sã consciência, poderia aceitar que os especuladores, mundo afora, seguiriam confiando no comportamento mercurial das autoridades chinesas, agora que assumiram o controle daquela ex-colônia inglesa? E não porque esse comportamento fosse imprevisível ou injustificável. Na China, a questão sobrelevante é a de manter alimentada, vestida e edu-



cada uma população de mais de bilhão de habitantes, daí que as prioridades nacionais antecedem - e têm que, de fato, anteceder - aquelas de quem prioriza apenas o jogo, a especulação, o lucro. Ora, seja qual for o novo estatuto da ex-colônia, um artigo daquele diploma é lógico, irrecorrigivelmente lógico: Hong Kong é uma cidade chinesa.

Este, sim, o exemplo que se deveria seguir. Na China, não houve que dobrar a taxa de juros, aumentar o índice de desemprego, desestimular os setores produtivos nacionais. O Brasil, no entanto, à base de remédios do passado - para enfermidades do presente - preferiu o comportamento rasteiro e submisso que assumiu, ao invés de denunciar o artifício gritante da crise, decorrente antes de regras de jogo não claramente definidas (afinal, são jogos de azar!) e, nunca, de índices de produtividade e progresso.

A continuar em vigor uma política assim suicida, impossível deixar de prever dias ainda mais aziagos para a Nação. Com juros na estratosfera, como investir pesado, como ampliar nosso parque industrial, o setor agrário da economia, como, enfim, gerar mais empregos?

Como, enfim, reduzir a dependência das importações e, daí em diante, gerar mais excedentes exportáveis, não para financiar, mas, sim, pra reduzir e, mesmo, extinguir nosso déficit na balança comercial? Seria, a rigor, um perguntar sem fim. As distorções, evidentes, e evidentes porque põem a nu nossa dependência desse capital volátil e aético, estão aí, visíveis, dolorosas, angustiantes. Enquanto isso, a dívida social, mais que a externa, mais que a interna, acelera um processo de desfibrramento de nosso tecido social, isto, sim, que deveria preocupar todos os que, no Governo, têm, aí, sua responsabilidade.